

CAMPO E CIDADE: uma experiência de interação – o distrito de Martinésia e a cidade de Uberlândia¹

COUNTRYSIDE AND CITY: an interaction between Martinésia district and Uberlândia city

Renata Rastrelo e Silva

Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia
Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba
renatarastrelo@yahoo.cm.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação campo-cidade tendo como referência o distrito de Martinésia e a cidade de Uberlândia, buscando compreender as interações estabelecidas por moradores desse distrito com essa cidade. Discute ainda a imagem de campo propagada pela imprensa local, uma imagem dicotômica e contraditória que vincula o município de Uberlândia ao moderno, mas que ao mesmo tempo qualifica os distritos, que estão na área rural do município, como “o lugar do passado”.

Palavras-chave: Campo. Cidade. Imprensa. Modos de vida. Martinésia.

Abstract: This work investigates the countryside-city relationship between Martinésia district and Uberlândia city, both located in the Minas Gerais State (Brazil). The established interactions between Martinésia residents and Uberlândia city were studied. The dicotomic and controversial image of the Uberlândia City, diffused by local press, is also discussed. In the image, Uberlândia city is a modern place while the Districts are qualified as rural lands.

Key-words: Countryside. City. Press. Live style. Martinésia.

Introdução

Este trabalho discute a relação campo-cidade, analisando como determinados valores, problemas e vivências, ora tidos como tipicamente urbanos, passaram a ser vivenciados pelo homem do campo. Analisa ainda a relação dos proprietários rurais do distrito de Martinésia (distrito do município de Uberlândia-MG) com Uberlândia, na medida em que essa cidade, à qual está submetida administrativamente o distrito, está muito próxima dele e com o acesso facilitado, tendo em vista a rodovia que liga o distrito à cidade em bom estado de conservação e também a existência de uma linha de ônibus urbana entre Martinésia e Uberlândia. Assim, é nessa cidade que esses produtores encontram produtos agropecuários e veterinários, é nela que são feitas as

compras para a casa e, para alguns moradores de Martinésia, a cidade é o lugar do trabalho, do estudo ou do lazer.

Este trabalho busca ainda problematizar a leitura que a cidade faz do campo por meio do **Jornal Correio**, uma vez que há uma vasta quantidade de matérias publicadas nesse jornal sobre o meio rural. Sendo assim, acredito ser pertinente perguntar o porquê disso, qual a imagem de campo que esse jornal traz, tendo em vista a presença marcante nele de ruralistas locais, os quais, muitas vezes, também são políticos de grande influência no cenário nacional. Aliado a isso, discuto o tratamento dado, por esse jornal, aos distritos de Uberlândia, pois, se existe uma concepção de campo “moderno” associado ao município de Uberlândia, nesse mesmo jornal os distritos, os quais estão na área rural desse município, são tratados como “reliquias”, “coisas do passado”, ou seja, são folclorizados. Assim, o tratamento dado a “esse campo” é outro.

Desta forma, o objetivo do trabalho é analisar como se dá essa relação campo-cidade entre os proprietários rurais do distrito de Martinésia e a cidade de Uberlândia. Para isso, utilizo fontes orais – que foram citadas com autorização dos entrevistados -, **Atas do Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia** e também o **Jornal Correio**.

As entrevistas presentes nesse trabalho foram selecionadas num conjunto de 21 entrevistas que foram realizadas devido à riqueza das discussões levantadas por elas com relação à interação campo-cidade. No que diz respeito aos mais velhos, procurei entrevistar proprietários rurais que vivem em Martinésia há mais de 25 anos, uma vez que possuem uma experiência longa do que é viver no campo. As entrevistas realizadas com os mais jovens se justificam tendo em vista as diferentes maneiras que as gerações têm de vivenciar as experiências sociais de um mundo em constante transformação.

Os anos de 1964 a 2005 foram pesquisados no **Jornal Correio**. No entanto, para os limites desse trabalho foram utilizadas reportagens mais recentes, sendo que a grande maioria data de 1993 a 2005, o que se dá devido ao aparecimento de poucas reportagens sobre os distritos de Uberlândia no período anterior a esse. Quando essas reportagens começam a surgir mais frequentemente no jornal, elas trazem imagens e idéias sobre esses distritos que merecem maior atenção, tendo em vista as intenções de toda imprensa que é produzir interpretações sobre a realidade social. As reportagens que

tratam do tema do campo de uma forma mais geral foram escolhidas devido à representatividade delas para a discussão da relação campo-cidade.

Os autores utilizados nesse trabalho se constituem de referências sobre a realidade local e também de discussões mais ampliadas sobre o meio rural e se fundamenta em grande medida na discussão da sociedade no campo do marxismo, tendo como inspiração o autor inglês Raymond Williams, que salienta a complexidade e as contradições do social vivenciadas no cotidiano das pessoas.

Campo: um espaço em transformação

Ao falar de campo e cidade, muitos incorrem no erro de analisá-los como realidades dicotômicas, no entanto, o que é possível perceber ao investigar a dinâmica desses espaços é que existe uma profunda interação entre eles, a qual se dá de formas diferentes ao longo do tempo². Nesse sentido, as contribuições de Williams (1989) são fundamentais para refletir sobre a relação campo/cidade, na medida em que, ao analisar a literatura e a história inglesa, ele afirma que: [...]“a relação entre campo e cidade é não apenas um problema objetivo e matéria de história como também, para milhões de pessoas hoje e no passado, uma vivência direta e intensa ”[...] (WILLIAMS, 1989, p.13). As colocações de Williams inspiram a pensar essa relação a partir das pessoas, dos sujeitos que as vivenciam no seu dia-a-dia, uma vez que o campo e a cidade não são meros espaços geográficos, mas são realidades experimentadas pelos sujeitos, ou seja, campo e cidade se relacionam, seja por meio dos produtos agrícolas produzidos no campo e consumidos pelos moradores da cidade, por meio dos produtos e equipamentos urbanos utilizados pelo homem do campo, seja através de hábitos que percorrem viveres urbanos e rurais.

O campo passou a contar com “benefícios” antes tipicamente urbanos, como eletrodomésticos e eletroeletrônicos, mas também com os problemas advindos da cidade, como a violência, que hoje não é mais exclusiva do meio urbano, uma vez que é crescente o número de assaltos a fazendas, roubos de gado e de produtos estocados nas propriedades. Mas o campo também se faz presente no viver de muitos cidadãos que

conservam um modo de viver muito ligado ao rural, preservando certos hábitos alimentares, maneiras de se relacionar, valores e concepções de mundo.

Então, campo e cidade se relacionam continuamente e se já houve um tempo em que, pelas falas dos proprietários rurais entrevistados, eles só buscavam na cidade aquelas coisas que não produziam no campo, como tecidos, sal etc., com o passar dos anos essa relação foi se intensificando, na medida em que a cidade, hoje, é importante até para adquirir os alimentos que, em muitos casos, não são mais produzidos no campo.

Essa interação campo e cidade pode também ser pensada a partir das populações que, mediante as dificuldades e problemas vivenciados no campo foram se transferindo para a cidade. Esta, muitas vezes, não tinha e ainda não tem condições de infra-estrutura para receber esse contingente populacional que continua vivenciando na cidade a exclusão vivida no campo³.

A cidade, em muitos casos, não foi e não é capaz de atender às demandas de saúde, escola, moradia e principalmente trabalho, o que leva ao empobrecimento cada vez maior de grande parcela da população que passa a residir em bairros periféricos que não possuem a infra-estrutura mínima para possibilitar a seus moradores qualidade de vida, ou seja, não é capaz de atender aos seus anseios de melhoria de vida.

Mas, nem todos os que saíram do campo ficaram totalmente excluídos. Existiram aqueles que conseguiram se estabelecer, tiveram acesso à saúde, educação e emprego, no entanto, o fato de existirem aqueles que se deram bem não exclui o fato de que muitos continuaram numa situação de miséria e opressão.

A cidade de Uberlândia, louvada por suas elites como cidade ordeira e progressista, imagem muito divulgada na imprensa local, se contradiz com a cidade vivida por muitos, não só migrantes rurais, mas outros milhares de cidadãos que não vêem seus direitos sociais serem atendidos. A Uberlândia da imprensa e dos governantes parece ser outra, a cidade do sucesso, do empreendedorismo, mas nessa cidade vivia e ainda vivem muitos que não fazem parte da história de Uberlândia que é contada, a qual parece ser feita só de “progresso”.

O problema da migração campo-cidade é colocado à sociedade e acaba sendo tema de conversas entre amigos, objeto de estudo de alguns pesquisadores e pauta de políticos, como é possível observar em um projeto de lei de autoria do então deputado federal Odelmo Leão Carneiro Sobrinho, em 1996:

Na prática, o objetivo do referido projeto é o incluir na CLT dispositivo específico que estimule e permita ao empregador rural voltar a contratar trabalhadores para o campo, sem o risco de que, nos distratos trabalhistas, em cessão a esses empregados de moradia e respectiva infra-estrutura básica, de áreas para o plantio e criação, de insumos e ferramentas para produção e de outros benefícios espontâneos, passe a integrar o cálculo de seus salários para efeito de indenizações trabalhistas.⁴

A receita do projeto era simples: o fato de tirar dos trabalhadores do campo as indenizações pelas benfeitorias realizadas na propriedade e de outros direitos levaria mais de cinco milhões de famílias de volta ao campo, devido aos novos empregos que seriam criados com a retirada dessas indenizações. O programa foi divulgado com grande entusiasmo pela imprensa – uma série de matérias foram veiculadas com esse tema -, mas ela própria já constatou a sua ineficácia, a qual se deve a algumas razões óbvias: os grandes produtores têm poucos empregados, pois utilizam maquinários e foram beneficiados pelo projeto ao ficarem livres das obrigações de indenização pelas benfeitorias; já os pequenos produtores, são poucos os que conseguem manter um empregado, mesmo estando livres dessas obrigações, visto que, na maioria das vezes, eles utilizam apenas o trabalho dos diaristas para serviços esporádicos.

Assim, a reversão da migração campo-cidade é usada como justificativa para retirar as poucas garantias que o trabalhador já tem, o problema daqueles que deixam o campo acaba mais uma vez não sendo resolvido e os empregos prometidos não são gerados. E mais, o programa é uma forma de não realizar a reforma agrária justa para que as pessoas pudessem retornar ao campo, pois com ele, elas voltariam, mas como empregados, logo, não teriam acesso a uma terra sua para produzir e gerar renda para sua família. Além disso, o retorno dessas pessoas ao campo, pensado pela elite, seria uma forma de retirar da cidade um contingente populacional não aceito como cidadão.

Assim, a migração campo-cidade é um problema que o homem do campo enfrentou e ainda enfrenta, tanto que ele é um tema recorrente no jornal, ao longo de todo o período pesquisado⁵.

Nos últimos trinta anos, a civilização ditou rumos decisivos para o Brasil. A população rural já não cresce mais. Em 1980 perto de 30 milhões de brasileiros estarão vivendo nos campos, número esse inferior ao de 1970. Como se vê a marcha da urbanização tende a crescer, concentrando nas cidades os maiores problemas e alongando as dificuldades em ritmo crescente.⁶

Esse texto foi publicado na coluna *Opinião* do *Jornal Correio de Uberlândia* e parece contraditório, uma vez que o autor, ao dizer: “**Nos últimos trinta anos, a civilização ditou rumos decisivos para o Brasil. A população rural já não cresce mais**”, dá a idéia de que o fato da população rural brasileira não crescer mais é, para ele, um fator de progresso, de civilização, no entanto, na seqüência do texto ele menciona os problemas gerados por esse “desenvolvimento”, o que acaba por colocar em questão essa transformação da sociedade brasileira.

Ele apresenta o problema da migração campo-cidade e o da modificação da configuração populacional brasileira como sendo também urbano, pois se os motivos que levam as pessoas a saírem do campo se devem a fatores ligados à dificuldade de produção, aos custos elevados dos insumos, à perda da terra, isso se torna um problema da cidade também, pois ela é o destino dessa população. Esse artifício de justificar os problemas da cidade pela migração, significa retirar dos governantes o seu compromisso com a melhoria das condições de vida das pessoas, seja em que lugar for, pois as pessoas migram, nessa concepção, porque querem, porque estão em busca de algo e não porque são forçadas a isso.

Esse caráter da migração como problema tanto do campo quanto da cidade, aparece em diferentes momentos, por exemplo, nessa reportagem citada anteriormente, que é da década de 1970, e em outra que é da década de 1990:

Para atacar de frente a questão social nas cidades brasileiras, é preciso começar com o programa de modernização e desenvolvimento do meio rural – propôs o economista; “sem isto não se acabará com os guetos de pobreza e miséria, pois a cidade padece com os seus guetos exatamente porque a miséria se mantém dramática no campo” diz ele.⁷

Parece que a culpa pelos problemas da cidade é do campo. No entanto, a questão não está em procurar os culpados pela situação de miséria em que vivem muitos moradores das cidades, mas sim, em buscar soluções para os problemas deles e também dos moradores do campo. No entanto, o que vislumbramos na sociedade é que nem os problemas do campo nem os da cidade são resolvidos de forma satisfatória por aqueles que foram eleitos para isso e o que acaba acontecendo é que muitos desses dilemas se transformam em pautas para eleger dirigentes que se comprometem em fazer algo, mas ao serem eleitos pouco fazem. Faltam políticas efetivas para o campo que permitam às pessoas permanecer nele e faltam políticas sociais de geração de emprego e renda para aqueles que vivem nas cidades.

A migração campo-cidade não é um problema somente das décadas de 1960 a 1980. Ela ainda hoje continua atingindo as populações rurais, pois as dificuldades de viver no campo têm feito cada dia mais com que os jovens, principalmente, deixem o campo e se dirijam para a cidade na tentativa de um futuro melhor, o que para alguns se concretiza, mas não para todos.

Em conversa com Neila, filha do Seu Duarte - produtor rural no distrito de Martinésia - uma jovem de 24 anos que há 06 vive na cidade de Uberlândia, quando instigada a refletir sobre a sua trajetória de vida ela fez o seguinte comentário:

[...] daí eu precisei ter forças e também ter coragem de vim pra Uberlândia, porque não é fácil você sozinha deixar sua família, sua casa pra vir, mas os motivos que eu tinha é que eu sentia que a minha vida não tinha sentido lá, embora eu goste muito de zona rural, me adaptei a viver em zona rural, eu tinha necessidade de conhecer o mundo também, de ver, de se encontrar, né, então você busca algo diferente. (grifos meus).

A jovem Neila veio para a cidade de Uberlândia trabalhar e estudar. Ela é aluna da Universidade Federal de Uberlândia e interpreta sua saída do campo, por volta dos 18 anos, como a busca por um novo sentido para sua vida, pois o viver no campo, apesar de ser algo que ela gosta (tanto que ao longo da entrevista ela sempre menciona as razões que fazem com que o viver no campo seja bom), não lhe proporcionava mais a satisfação, que foi buscada na cidade. No decorrer da entrevista, ela evidencia com mais clareza o porquê dessa busca da cidade:

[...] eu queria realmente ter uma renda diferente aqui [cidade], trabalhar aqui, estudar e futuramente eu penso em voltar pra fazenda, trabalhar na cidade [...] e ter um cantinho pra mim na zona rural [...] eu não consigo ficar em cidade, por exemplo, é, o ano inteiro sem ter algum local, assim, que tem meio-ambiente, natureza pra poder ir, se não é mais complicado, isso.

Você pensa em morar no campo e trabalhar na cidade ou o campo é só para descanso, um lugar para ir nos finais de semana?⁸

Ou pra descansar finais de semana, como a gente vai sempre passar o final de semana com meus pais, com meus avós que estão lá. Ou ter uma outra renda, uma segunda renda também na zona rural, porque eu penso assim, pra você tirar renda da zona rural pra se manter e manter os filhos é muito complicado, você tem que ter uma segunda renda para investir na fazenda, então eu penso em trabalhar na docência superior [...] e depois que eu tiver com a minha vida financeira um pouco mais estabilizada eu penso em ter uma terra pra mim, pra mim produzir as coisas que eu gosto de produzir, entendeu?

O que Neila traz em sua fala é que a vida no campo tornou-se insustentável, a ponto de ter que buscar outra fonte de renda além da fazenda, e a tão sonhada volta ao campo está condicionada a uma vida financeira mais estável que só é possível ser obtida

na cidade. Logo, só depois dessa estabilidade é que é possível ir novamente para o campo.

Parece haver uma diferença entre a relação que os pais estabelecem com a terra e a que os filhos mantêm, pois, devido às dificuldades de se continuar produzindo no campo e à falta de perspectivas de um futuro promissor no campo, muitos jovens passam a ter na terra o lugar do passeio no final de semana ou o lugar no qual só no futuro poderão voltar a viver. No entanto, não são todos os jovens que saem do campo e vão para a cidade. Se existem aqueles que deixam o campo, também existem aqueles que permanecem e dão continuidade ao trabalho dos pais na atividade agrícola e pecuária, buscando alternativas para que esse permanecer seja possível.

Camarano e Abramovay (1999, p.2), ao analisarem o fenômeno do êxodo rural, no Brasil, da década de 1950 até a primeira metade da de 1990, apontam uma tendência recente que é o envelhecimento e a masculinização da população rural brasileira, ou seja, cada vez mais os jovens têm deixado o campo em busca de trabalho nas cidades. Assim, esses autores salientam a importância desse fenômeno, o êxodo rural, que [...]“é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta tendência.”(CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p.1). Ainda segundo esses autores, as regiões Sul e Sudeste, já na década de 1990, estavam vivenciando uma queda nas taxas de saída do homem do campo, no entanto, esse não deixa de ser um fenômeno significativo, principalmente se levarmos em conta que na região Sudeste, por exemplo, já é pequeno o contingente populacional que ainda vive no campo.

Nesse sentido, o campo tem passado por modificações constantes ao longo do tempo e se é grande a quantidade de jovens que saem do campo em busca da cidade, também é relevante o número de pessoas mais velhas que, após conquistarem uma estabilidade financeira, principalmente depois de se aposentarem, se mudam para o campo em busca de sossego e tranquilidade. Muitos acabam exercendo alguma atividade agrícola e pecuária, mas em vários casos, ou é só para o consumo próprio ou uma pequena quantidade a título de complemento da renda, tendo em vista que essas pessoas têm uma renda que provém do trabalho na cidade e as atividades no campo não

são estritamente necessárias ao seu sustento. Essa busca do campo após a estabilização financeira é o desejo expresso pela jovem Neila.

O campo, desse modo, passa a ter valores e significados diferentes, uma vez que há uma tendência recente que o transforma em lugar de moradia para os mais velhos, em espaço de lazer, sendo um lugar de turismo, mediante a exaltação desse espaço como bucólico e idílico. Carneiro (1997, p.3), ao analisar as novas ruralidades em construção a partir das transformações do viver no campo, afirma que

novos valores sustentam a procura da proximidade com natureza e da vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições vida nos grandes centros. O contato com a natureza é valorizado por um sistema de valores alternativos, neoruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida, e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço ou mesmo opção de residência.

Essa busca pela natureza e o desejo dos cidadãos em transformá-la em mais um bem de consumo toma a forma do turismo, transformando o ritmo de vida local. Pequenas pousadas são construídas e tendem a substituir, em grau de interesse e em rendimento, a unidade de produção agrícola que nela funcionava. A agricultura, nesses casos passa a ser um complemento, muitas vezes voltada para a manutenção da família e dos hóspedes, e um bem de consumo ao garantir o clima “rural” desejado pelos turistas.

Assim, o campo vem sendo apropriado pelas camadas mais privilegiadas da sociedade de uma outra forma: como o espaço do ecoturismo, do descanso nos finais de semana, já que a cidade não oferece sossego e tranquilidade. Logo, a busca do campo se dá em virtude dessa necessidade que as pessoas têm de descansar, de *desacelerar* o ritmo alucinado da vida citadina.

Dona Maria Esmeraldina nasceu numa propriedade rural do distrito de Martinésia e há 34 anos vive na cidade de Uberlândia. Ela, depois da morte de seu pai, herdou um pedaço de terra e adquiriu as partes de mais duas irmãs, ficando assim com três alqueires de terra em Martinésia que se tornaram para ela e sua família um espaço de lazer. Como ela mesma diz, o que é produzido lá é para o consumo próprio, às vezes vendem gado, mas o centro é a produção só para o consumo. Quando perguntei a ela a importância da terra, respondeu: [...] “aquela terra lá, aquilo assim é uma coisa que, aquele pedacinho lá eu pretendo, a gente pretende nunca vender, ir passando pros filhos, depois pros netos e se possível adquirir mais pra preservar, nunca deixar acabar.” A terra tem, para Dona Maria Esmeraldina, o valor da preservação de um viver, ou seja, esse pedaço de terra permite a ela vivenciar, ao menos esporadicamente, algo que fez

parte de sua vida até por volta dos 20 anos de idade, quando veio pra cidade. Assim, o campo é exaltado por ela como lugar bucólico, que lhe proporciona momentos mais tranquilos, longe da rotina desgastante da cidade.

Martinésia: imagens e vivências

Os distritos do município de Uberlândia - Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama - aparecem na imprensa local como lugares bucólicos e idílicos, ou seja, são exaltados pela tranquilidade, pela vida mais pacata que proporcionam aos seus moradores. Esta imagem vai ao encontro dessa exaltação de um campo que possibilita o descanso da correria das cidades, já que eles se localizam na área rural do município e a população das vilas distritais têm uma ligação muito estreita com o campo, não só como lugar de trabalho, mas também com relação aos valores, aos modos de viver. Essa imagem de tranquilidade é evocada em uma reportagem do **Jornal Correio**, intitulada **Cruzeiro dos Peixotos e do Sossego**, ou seja, o próprio título já dá uma idéia da concepção que orienta a reportagem:

tranquilidade, segurança e contato com a natureza a menos de 20 minutos do Centro da cidade. Não se trata de propaganda de condomínio horizontal, mas de algumas das vantagens que têm levado muitos uberlandenses a fixarem residência no Distrito de Cruzeiro dos Peixotos. O lugar vem sendo escolhido, também, por pessoas interessadas numa casa de veraneio, onde possam passar os fins de semana com a família e os amigos. É o sossego de uma pequena comunidade aliado aos recursos de um grande centro urbano.⁹

Essa reportagem fala da experiência de pessoas que ou se mudaram para o distrito ou compraram nele uma casa de veraneio e ela evidencia esse aspecto de vida mais pacata proporcionado pelo distrito, a “**pequena comunidade**” que pode se beneficiar do “**grande centro urbano**” que é a cidade de Uberlândia, devido à proximidade com ela, cerca de 30 quilômetros. Essas imagens reforçam uma visão dicotômica cidade/distritos, pois a primeira é o lugar da correria, mas é também o lugar da modernidade, do progresso, enquanto o segundo é o lugar do sossego, da paz.

Uma reportagem veiculada no ano de 1994 sobre o ônibus que na época fazia a linha Uberlândia/Cruzeiro dos Peixotos/Martinésia é um relato ainda mais contundente

dessa imagem que se divulga sobre os distritos. A seguir, cito um trecho que, apesar de longo, acredito ser significativo para refletir sobre o tema que venho tratando:

Viajar para os antigos e aconchegantes distritos de Uberlândia [...] pode ser um ótimo passeio pelos recantos ainda “abençoados” pela mata nativa de cerrado, através de uma estradinha asfaltada repleta de curvas e paisagens exuberantes, como um horizonte de montanhas azuis que contorna a região plana da cidade e seus edifícios. Velhos conhecidos se encontram, trajando, na grande maioria das vezes, roupas simples. Conversas de compadres sobre terras boa para pastagens e plantações, cabeças de gado vistas pastando indiferentes ao barulho de um motor de ônibus velho, muito acostumados aos caminhos que levam ao passado.

E fazer essa viagem de pouco mais de uma hora é assim... voltar ao tempo dos casarões erguidos em 1930, rever as pessoas na calma do interior, fazendo sabão de bola no quintal, à sombra de generosas árvores e crianças brincando na praça, ouvindo suas gargalhadas ecoar devagar pelo vento que passa calmo.

[...]

Enquanto isso vai passando rápido a paisagem de terra vermelha tombada, pequenas plantas que despontam no terreno plantado, velhas árvores que se mantiveram no percurso cortado pelo asfalto preto, pintado com uma longa faixa amarela. E passam bicicletas com conhecidos fazendeiros acenando para os companheiros que aderiram a modernidade. São botinas e botas, chapéus, canivetes, chinelos de dedo com meias furadas e velhas mochilas é gente tranqüila que desconhece a pressa da cidade grande e optou pela conservação de um pedaço da história.¹⁰ (grifos meus).

Essa reportagem traz elementos muito ricos para a reflexão. Um dos pontos fundamentais é a evocação dos distritos como lugares do passado: “**antigos e aconchegantes distritos de Uberlândia**”, “**caminhos que levam ao passado**”, “**voltar ao tempo**”, “**conservação de um pedaço da história**”. Da forma como são tratados parece que eles pararam no tempo e seu valor se deve justamente ao fato de estarem no passado, num tempo remoto, e assim se escamoteia as dificuldades enfrentadas pela população desses distritos e, de certa forma, se justifica o seu esquecimento pelo poder público, pois eles são bons justamente porque são assim, lugares do passado, e os problemas do presente acabam não sendo resolvidos. A reportagem ainda exalta poeticamente uma realidade que pode estar relacionada às dificuldades financeiras que muitos moradores dos distritos enfrentam, pois fala das “**meias furadas e velhas mochilas**” como “elementos” dessa paisagem rústica e, assim, não se toca na questão de que esse pode ser um problema resultante de uma situação de miserabilidade, de desemprego ou de subemprego.

Essa imagem tranqüila dos distritos pode levar ao pensamento de que são lugares perfeitos para se viver, como se eles não tivessem problemas, no entanto estes aparecem mesmo nas reportagens que pregam essa vida bucólica:

Martinésia é um distrito de Uberlândia, localizado a 30 quilômetros do centro da cidade. O asfalto da estrada foi a maior conquista dos moradores. No arraial – como é chamado por seus habitantes –, o tempo parece ter parado nas décadas de 20 e 30. São casarões antigos e gastos pelo passar lento das horas, nestes mais de 70 anos de história. O silêncio no distrito somente é cortado por uma fala distante de algum morador – raro de se ver nas ruas de terra – ou pelo vento que levanta a poeira, quando passa pela rua central.

Tudo parece lento naquele lugar. A vida sossegada ainda é preservada sadia, nas hortas das casas, com criação de galinhas à moda caipira, verduras frescas e hortaliças, além de muita árvore frutífera que cobre de sombra os quintais.

[...] No distrito não falta água (de poços artesianos), luz, telefone e televisão. O grande problema para os moradores é a falta de esgoto.¹¹

Mesmo de uma forma que tenta colocar os problemas como menores diante dos “benefícios” desse lugar, eles estão presentes na vida dessas pessoas:

Para Maria Januária e Valda Martins Januário, no distrito falta quase tudo. Elas afirmaram viver lá há mais de 40 anos sem esgoto, sem policiamento e sem atendimento eficiente na área de saúde. [...] A poeira é o grande problema para os moradores. [...] O pessoal mais jovem reclamou da falta de atividades culturais e de lazer no distrito.¹²

Passados alguns anos da veiculação dessas reportagens, os problemas do esgoto, do policiamento e da poeira já foram solucionados, no entanto, outros permanecem, como a deficiência no atendimento médico, os poucos postos de trabalho oferecidos aos moradores dos distritos, as poucas opções de lazer que incomodam principalmente aos jovens, faltam serviços como agências bancárias, lotéricas e um comércio mais diversificado.

A vida dos moradores do distrito de Martinésia melhorou também em outros aspectos e um deles foi a facilidade de deslocamento até a cidade de Uberlândia, com a pavimentação da Rodovia Municipal Neuza Rezende, a RM-090, em 1987. O contato com a cidade de Uberlândia foi, com o passar dos tempos, se tornando cada vez mais necessário, na medida em que os alimentos que antes eram produzidos na fazenda passaram a ser comprados, na maioria das vezes, na cidade, onde também se buscam maquinários, fertilizantes, remédios para o gado, são pagas as contas de água, luz e telefone, se realizam as transações bancárias.

Muitas vezes as obras que são realizadas pelas administrações públicas aparecem como se fossem favores concedidos à população pela vontade e atitude desse poder instituído. Entretanto, a população reivindica e participa de forma ativa nessas conquistas de melhorias. No caso da pavimentação da RM-090, a população beneficiada por essa obra, além de discutir a sua importância, esta sendo ponto de pauta de reuniões

dos Conselhos Comunitários de Desenvolvimento Rural, também doou o cascalho para a concretização dessa obra: “O D.E.R. vai fazer o trabalho de sub-leito e leito da estrada. A prefeitura vai colocar o asfalto. Os moradores vão doar o cascalho.”¹³

Essa obra foi alardeada como um grande benefício concedido pela administração municipal a esses distritos, mas há que se lembrar que todo tipo de melhoria implementada pelo poder público é feita mediante a demanda da população que, algumas vezes, consegue ter suas reivindicações atendidas, como foi o caso da pavimentação da rodovia, um tema discutido nas reuniões dos Conselhos Comunitários e, sem dúvida alguma, em conversas entre os moradores. Assim, a pavimentação da RM-090, feita durante a gestão do prefeito Zaire Rezende (1983-1989), foi realizada pela parceria entre o DER-MG (Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais), a Prefeitura Municipal de Uberlândia e os beneficiados pela rodovia, os distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos e a comunidade rural de Sobradinho.

Apesar de todo o marketing político feito pela realização dessa obra de pavimentação, o fato é que ela efetivamente contribuiu para a melhoria da vida dos moradores dos distritos e comunidades que estão nas margens dessa rodovia. Quando perguntei ao Seu Rubens, produtor rural do distrito de Martinésia, se o fato da rodovia ser pavimentada facilitava a sua vida, respondeu: “É muito melhor, né, mais fácil pra gente trabalhar. Era terra, né, estrada muito ruim, hoje a rodovia é muito boa hoje, você sai daqui, dentro de meia hora você está dentro da cidade, rapidinho.” Seu Rubens salienta a importância da rodovia estar pavimentada, pois ele vai praticamente todos os dias para Uberlândia, como ele afirma, a fim de comprar remédio, buscar um veterinário ou uma peça para um trator, ou seja, o que falta na propriedade ele vai até a cidade “**rapidinho**” e busca. Por isso, ele evidencia esse aspecto da agilidade proporcionado pela pavimentação da rodovia.

Seu Argentino, que também é produtor rural em Martinésia, quando perguntado sobre a importância da pavimentação, enfatiza que ela possibilitou o escoamento da produção de forma mais satisfatória, pois a estrada de terra fazia com que as verduras colocadas no caminhão fossem caindo pela estrada, além disso, o desgaste dos veículos era maior. Seu João, outro produtor rural de Martinésia, também salienta o quanto a vida melhorou com a estrada pavimentada:

Claro que melhorou, tinha vez da gente sair daqui com o caminhão carregado, ficar o dia inteiro na estrada, você lembra de ver contar que o Ronan que era

leiteiro daquela época, entravava na rua de Martinésia. Teve dia de nós perder o caminhão todinho de leite porque encravou na frente do curral do Valdivino ali e não conseguimos sair, ficamos o dia intero lá, num conseguimos a sair, foi marrando trator...perdeu um caminhão de leite todinho. Então, facilitou, hoje nós num tem encravador, nós gastava quais um meio dia pra sair, das estradas ruim pra chegar no Berlândia, hoje a gente vai em vinte e cinco, trinta minuto.

Os transtornos decorrentes das péssimas condições da estrada foram solucionados com a pavimentação da RM-090, ou seja, pelo menos esse problema foi solucionado e, passados quase vinte anos, a rodovia encontra-se em excelente estado de conservação. Isso tem possibilitado um acesso mais tranquilo à cidade de Uberlândia, o qual foi também facilitado pela implementação de uma linha de transporte coletivo que faz parte do Sistema Integrado de Transporte (SIT), em novembro de 2000. Até essa data o transporte dos moradores dos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos era feito por uma linha de ônibus da Transcol, com apenas duas viagens por dia. Esse transporte foi discutido em reunião realizada com o então prefeito municipal, Zaire Rezende, e também no Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia. Em reunião realizada em junho de 1989, um ex-presidente desse conselho lembrou que era necessário que se fizesse

[...] um pedido ao secretário de serviços urbanos de Uberlândia no sentido de reformular a linha da Transcol que serve na ligação: Uberlândia – Cruzeiro dos Peixotos – Martinésia – Pontal, aos domingos, objetivando facilitar a vida das pessoas em seus deslocamentos da zona rural para a cidade e vice-versa.¹⁴

Pela fala acima citada é possível dizer que o deslocamento Martinésia/Uberlândia não estava sendo realizado de forma satisfatória, o que é reforçado pela fala de uma moradora do distrito em outra reunião do Conselho que evidencia a necessidade que: [...]“ o CODERM [Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia] interceda junto a Transcol para que os horários de ônibus sejam cumpridos.”¹⁵ Assim, a discussão desse problema da linha de ônibus coloca em questão o fato de que o deslocamento até a cidade era algo necessário para os moradores do distrito. A implementação da linha D-280 (Martinésia/Cruzeiro dos Peixotos/Uberlândia), se não resolveu todos os problemas dos moradores, tendo em vista que eles reivindicam mais horários, por outro lado possibilitou a muitos deles estudarem e trabalharem em Uberlândia e também permitiu o acesso a alguns benefícios, como a isenção do

pagamento de passagem para idosos e portadores de necessidades especiais e o desconto do passe escolar para os estudantes.

A implantação da linha de ônibus D-280 abriu a possibilidade para que os filhos de Seu Hélio, produtor rural de Martinésia, continuassem estudando em Uberlândia, mas morando na propriedade rural. Segundo a esposa de Seu Hélio, antes da implantação, os filhos ficavam em Uberlândia, mas logo que foi implantada a linha eles voltaram a viver no campo, ao lado dos pais. Isso evidencia como a valorização do estudo, o qual tem sido muito incentivado pelos pais que vêem nele a possibilidade de uma vida melhor para seus filhos, não exclui a valorização do viver no campo, tanto que Seu Hélio, ao ser perguntado se tinha empregado na fazenda, disse: “Não, [...]. Eu mais os meninos é que mexe”, ou seja, os filhos participam do trabalho na propriedade. Assim, o fato de buscarem a cidade para estudar não significa que esses jovens desprezem os valores, os viveres que o campo proporciona, levando a refletir sobre a necessidade de não tratar campo e cidade como dicotômicos, uma vez que eles interagem e se relacionam no viver das pessoas.

Ao mesmo tempo que a presença do ônibus é reivindicada como possibilidade de acesso à cidade, acredito que também significa a possibilidade de permanecer no campo. Os filhos do Seu Hélio, por exemplo, não deixaram o estudo na cidade, mas também não abriram mão do viver na propriedade rural, o que acontece também com Maria Juliana, filha do Seu Francisco e de Dona Regina que chegou a morar um ano em Uberlândia, mas voltou a viver com os pais no campo. Ela levanta às cinco da manhã, vai para Uberlândia, estuda até às 10 horas e 40 minutos, almoça, trabalha das 12 às 18 horas e só depois vai para casa. Apesar de viver no campo, ela mantém com este uma relação diferente, pois quando lhe perguntei se ela vivia no campo porque lá era a casa dos pais ou se o fato dessa casa ser no campo a incentivava ainda mais a permanecer no lugar, respondeu: “Não, é por ser minha família. [...] tanto que nem lá fora eu vou, entendeu? Eu sou urbana, meu pai fala que eu sou urbana, mas eu venho pra cá por causa deles.” A fala da jovem Maria Juliana coloca em evidência como o fato de morar no campo não implica necessariamente uma relação com plantações, animais, ou seja, demonstra mais uma vez como analisar a interação campo e cidade é complexa e tem-se tornado cada vez mais uma questão complicada, na medida em que, como a jovem

mesma afirma [...]“as coisas na fazenda, na zona rural estão precárias”[...], o que faz com que os jovens cada vez mais busquem a cidade como opção de vida.

Seu José Geraldo, produtor rural em Martinésia, quando perguntado sobre a relação que mantém com a cidade de Uberlândia, faz referência à pavimentação da rodovia e também ao SIT, dizendo como essas melhorias, de alguma forma, facilitaram a vida dos moradores do distrito:

[...] o mundo vai evoluindo, hoje, quer dizer, nós temos uma estrada pavimentada, você tem, por exemplo, aqui hoje o Sistema Integrado de Transporte, quer dizer, dentro de Uberlândia, também faz é, esse distrito, quer dizer e daí, nós falamos com a energia, hoje temos aqui a oportunidade de ter a internet aqui, então você passa a morar na zona rural, tendo uma vida muito parecida, você praticamente vivendo assim, tudo que se tem na cidade você participa, você sai daqui é coisa de meia hora você tá lá dentro de Uberlândia, em qualquer lugar, você pode tá num cinema, num teatro, em qualquer local, num shopping, né? Então a relação hoje é, hoje é acho que é bem diferente e assim, eu acho que pra melhor, você gasta muito mais também (risos), mas você vive melhor, numa condição de vida melhor. (grifos meus).

O que Seu José Geraldo traz em sua fala é como a relação com a cidade, hoje, é diferente, isto é, mais intensa. Em outro trecho da entrevista, ele lembra que, quando ele era jovem, a vida se restringia mais ao espaço do distrito e, quando ele fala de suas filhas que moram em Uberlândia, lembra que hoje as pessoas têm outra forma de viver e o campo não se encontra mais tão “isolado” da cidade. A interação dos moradores do campo com a cidade é cada vez maior, por meio de atividades de lazer, trabalho e estudo, e também o acesso deles às melhorias antes tipicamente urbanas vem acontecendo. Mas, se os “benefícios” da cidade chegam ao campo, também os problemas dela chegam. A violência é um grande exemplo disso, pois antes fazia parte da realidade das cidades e o campo era um espaço no qual a população poderia se refugiar dela, mas as coisas mudaram, como afirma Seu José Geraldo: [...]“hoje [eu vivo] com um pouco de medo por exemplo, a zona rural hoje tem trazido uma intranquilidade pra gente”[...]. Dona Regina também lembra como a violência tem atingido os moradores do campo: “Ah, já não está um lugar tranquilo pra morar, porque o pessoal agora já está começando a vir pra zona rural roubar, o Chiquinho mesmo é um, duas vezes.” Dona Regina está falando do fato de que seu esposo já foi roubado por duas vezes.

Na imprensa, esse é um tema discutido em diversas reportagens:

No momento existe um clima de insegurança nas fazendas da região do Triângulo Mineiro por causa de constantes invasões de ladrões que levam de

insumos agrícolas, medicamentos a tratores e colheitadeiras. Esta situação está a criar um ambiente de insegurança e grandes preocupações, além de enormes prejuízos aos produtores rurais.¹⁶

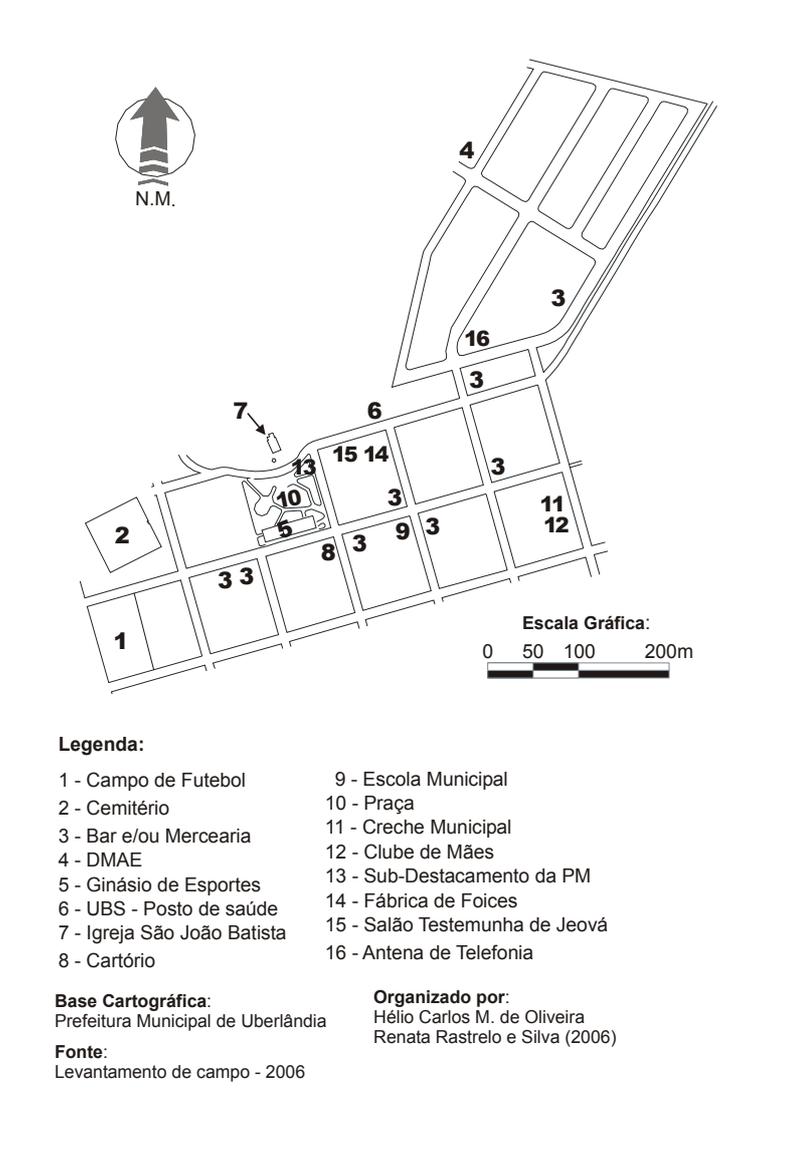
Na seqüência do texto citado anteriormente, o autor faz referência a um assalto de grandes proporções realizado no município de Uberlândia em que os ladrões levaram uma enorme quantidade de sacas de café, gerando um prejuízo de R\$ 200 mil. No entanto, é preciso levar em conta também os roubos menores, ou seja, os que não geram um prejuízo, em termos numéricos, tão grande, mas que tem um enorme significado para um pequeno produtor que tem um trator ou os eletrodomésticos de sua casa roubados.

O problema da violência, de certa forma, coloca em questão a imagem dos distritos como lugares tranqüilos e pacatos, o que eles até são, mas não sem reservas a essa tranqüilidade. A segurança era reivindicação dos moradores dos distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos já na década de 1980, tanto que, numa reunião conjunta dos Conselhos Comunitários desses dois distritos, eles reivindicaram a instalação de um posto policial, para [...] “garantir a tranqüilidade e a segurança dos habitantes.”¹⁷ Isso leva a pensar que, já nesse momento, a violência estava chegando ao campo e foi se intensificando ao longo dos anos com inúmeros assaltos a fazendas. Mediante as pressões sociais, os moradores do distrito de Martinésia conquistaram a instalação de um Sub-Destacamento da Polícia Militar, em maio de 2005, o que, de alguma forma, dá mais segurança a Martinésia e também ao distrito vizinho de Cruzeiro dos Peixotos.

Apesar de importantes conquistas, como as que foram anteriormente citadas, muitos problemas permanecem, sendo o atendimento médico um deles. Os distritos possuem Unidades Básicas de Saúde, no entanto, elas realizam apenas atendimentos mais simples, os atendimentos especializados têm que ser feitos na cidade de Uberlândia, como afirma Seu Zildo, morador do distrito de Martinésia: [...]“aí no postinho sempre tem médico, mais é uma vez só por semana, isso aí não tem aparelhagem pra gente fazer exame, o dia que precisa eu vou é lá na cidade, eu quase diária eu faço tratamento, não tem como pagar.”

A ausência de postos de trabalho é outro problema sério nos distritos. Martinésia, por exemplo, possuía uma fábrica de doces que foi fechada, assim, as opções de emprego se resumem ao trabalho no campo, em uma fábrica de foices e canivetes e em

um frigorífico que existe nas proximidades do distrito de Cruzeiro dos Peixotos. Logo, existem aqueles que buscam o trabalho na cidade como opção ao baixo número de empregos oferecidos aos moradores. Como se pode observar pelo mapa 1, a estrutura do distrito de Martinésia é muito simples.



Mapa 1 – Martinésia, levantamento dos equipamentos da vila distrital (2006).

A vila de Martinésia tem ruas asfaltadas, possui saneamento básico, Unidade Básica de Saúde, sistema de telefonia, escola de ensino fundamental e médio, igreja, ginásio poliesportivo, campo de futebol, cartório, cemitério, creche e Sub-Destacamento

da Polícia Militar. O comércio se constitui de poucos bares e mercearias, isto é, não existe um comércio local forte capaz de gerar empregos.

Nesse sentido, o comércio local atende apenas às necessidades básicas e mais imediatas dos moradores do distrito, tendo em vista que a maioria deles reclama dos preços que são praticados e, como a ida à cidade de Uberlândia é feita com frequência, torna-se mais vantajoso adquirir os produtos necessários ao consumo da família na cidade. Assim, o comércio local serve para complementar, ao longo do mês, algum produto que venha a faltar, o que faz com que esse comércio não cresça, logo, seja impossibilitado de gerar empregos. Também no que diz respeito à saúde, como antes mencionado, os moradores do distrito acabam buscando a cidade de Uberlândia quando precisam de atendimento médico especializado ou precisam fazer exames. Os mais jovens, principalmente, buscam a cidade como espaço de lazer, uma vez que o distrito oferece, nesse aspecto, poucas opções a eles.

Assim, se existe uma imagem propagada dos distritos como lugares tranquilos, bucólicos e pacatos, a realidade evidencia que eles podem até ser espaços que proporcionam uma vida mais calma, no entanto, não se pode fechar os olhos para os problemas que esses lugares enfrentam, ou seja, essa imagem não pode apagar os conflitos, as tensões sociais vivenciadas nesses espaços.

Refletindo ainda sobre essa imagem construída sobre os distritos do município de Uberlândia, os quais estão no meio rural, é evidente uma dissonância entre essa imagem de campo feita com relação aos distritos e a imagem de campo mais geral feita com relação ao município de Uberlândia. Se os distritos são aclamados pela tranquilidade, pelo passado que evocam, o campo do município de Uberlândia é trazido justamente pelo que ele tem de moderno, de novo, de empreendedor, ou seja, parece que se está falando de duas coisas diferentes, pois é como se os distritos não fizessem parte do município de Uberlândia.

O município de Uberlândia, como afirma Soares (1997, p.119-121), a partir do processo de modernização do campo, consolidou-se como um importante centro regional e como um pólo agroindustrial, pois esse processo levou à refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro, o que significou a predominância de algumas cidades sobre outras. Nesse sentido, como afirma Soares (1999, p.121), Uberlândia transformou-se num centro dessa região, na medida em que

[...] apresenta-se como a principal cidade desta rede, uma vez que capitaliza os recursos materiais e humanos dos núcleos urbanos vizinhos menores, diversifica suas atividades econômicas, e, ao mesmo tempo cria novas oportunidades de trabalho e serviços que resultam em melhorias para a cidade e seus moradores, e mais consolidam uma imagem urbana de beleza e poder. Ela acaba desempenhando o papel de capital regional de um conjunto de aproximadamente 30 setores de cidades menores que ficam totalmente dependentes de seu comércio e serviços de saúde e educação.

Uberlândia é, na região do Triângulo Mineiro, uma referência em diversos aspectos, por exemplo, na área de saúde, já que possui um hospital-escola que recebe pacientes de diversas cidades dessa região. É também referência no que diz respeito ao comércio, pois é um dos grandes centros nacionais do comércio atacadista, com empresas como o Armazém Martins, ARCOM (Armazém do Comércio) e Peixoto. Além disso, Uberlândia recebe a população de várias cidades da região para estudar, uma vez que possui um consolidado sistema de ensino superior, e também para trabalhar, atraídas pela imagem propagada sobre Uberlândia como cidade progressista, um lugar no qual as pessoas prosperam.

Esse processo de modernização que refuncionalizou a rede urbana do Triângulo Mineiro promoveu, segundo Soares (1997, p.107), [...]“diferenciação entre as cidades, fruto de uma divisão interurbana do trabalho, que se fez mediante a distribuição de funções produtivas entre as mesmas.” E, desse modo, esse processo influenciou a economia dessas cidades. Em Uberlândia, por exemplo, é visível o seu impacto, como afirma Bessa (2004, p.73-74):

o esmagamento, o beneficiamento e o processamento de produtos primários, originários das terras do município, são feitos por agroindústrias situadas nessa cidade. Além disso, ampliou-se o consumo produtivo do campo e o uso do crédito, gerando círculos de cooperação entre os estabelecimentos agropecuários e os estabelecimentos do comércio, serviços e do suporte financeiro.

Conforme salienta Bessa (2004, p.76), Uberlândia consolidou-se, desse modo, como um pólo agroindustrial, na medida em que oferece a infra-estrutura que as agroindústrias necessitam, exercendo, assim, grande influência regional. O município conta com importantes empresas ligadas à agroindústria, dentre as quais destacam-se:

[...] ABC-Inco (Algar), Rezende Alimentos (atualmente grupo Sadia) e Planalto, de capital local; Brasfrigo, Braspelco, Coca-Cola, Pepsi-Cola e Perdigão, de capital nacional; Cargill Agrícola, Nestlé, Souza Cruz, de capital estrangeiro. Além destas, há também um expressivo número de cerealistas e de frigoríficos. [...] Em Uberlândia, destaca-se o segmento genético [...]. Dentre as indústrias desse ramo, destacam-se as empresas de biotecnologia Monsanto,

Novartis, Agrocere/Monsanto, MDM (Monsanto, Deltapine e Maeda) e Aventis. (BESSA, 2004, p.76-77).

A constituição da região do Triângulo Mineiro, mais especificamente o município de Uberlândia, como pólo agroindustrial é amplamente divulgada pela imprensa local, que ressalta o sucesso dessa empreitada:

É difícil encontrar alguém em nossa representação que não tenha raízes no campo.
[...]
Nossa classe rural é, com certeza, a maior defensora dos projetos da indústria e do comércio porque são estes setores nossa base de crescimento.
Não podemos esquecer que nosso município é, sim, urbano e industrializado, mas Agroindustrial, acima de tudo, pois é a Agroindústria que mantém a economia.¹⁸

Esse texto é de autoria de alguns diretores do Sindicato Rural de Uberlândia e fala como o município tem suas lideranças ligadas ao meio rural, já que essas ocupam cargos políticos e, ao mesmo tempo, estão presentes em organizações rurais, como os sindicatos e associações de produtores. Os autores reforçam esse caráter dos dirigentes uberlandenses evidenciando como eles, por um lado, incentivam a indústria e o comércio, e por outro, dão total relevância à agroindústria, um setor fundamental para esse município.

Mediante esse papel exercido pelo município de Uberlândia, como importante pólo agroindustrial, veicula-se uma imagem altamente positiva desse município, na imprensa local, escamoteando-se, na maioria das vezes, a sua realidade contraditória, ou seja, são retirados de foco os problemas vivenciados pela população, tanto da cidade quanto do campo.

Tem-se a disseminação de uma imagem de Uberlândia altamente vinculada ao agronegócio:

Uberlândia pretende tornar-se um grande centro de desenvolvimento do agribusiness do Brasil. Todos os aspectos de cadeia agroalimentar são favoráveis ao agribusiness, desde o preparo da semente à distribuição e venda dos produtos, considerando-se principalmente sua vocação agrícola e a instalação de agroindústrias de repercussão nacional e internacional. [...] Contando com uma localização privilegiada no centro do Brasil [...] Uberlândia motivou a implantação dos três maiores atacadistas do país [...] que facilitam o processo de distribuição dos alimentos e reforçam o potencial de crescimento do setor agroindustrial. [...] As três maiores fábricas de processamento de soja [...] também estão em Uberlândia, operando com projeção ao mercado internacional.¹⁹ (grifos meus).

Pela reportagem, o que fica claro é a imagem de um município que tem tudo para ser um centro do agronegócio brasileiro, pois além de ter uma localização privilegiada, conta com um forte setor atacadista e também com agroindústrias de projeção nacional. Nesse sentido, Uberlândia atende aos requisitos para se tornar um centro do agronegócio, atividade que tem grande peso na economia nacional e que é, por diversas vezes, aclamada como a solução para os problemas do país, sustentada nos números que mostram a representatividade do agronegócio no PIB brasileiro:

o presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), Ney Bitencourt, afirmou que o agribusiness é o único segmento da economia brasileira competitivo internacionalmente e também o único elemento que temos para alavancar o desenvolvimento econômico sustentado do país.²⁰

Ao falar de agronegócio, Mendonça (2005, p.118) chama a atenção para o fato de que ele abarca uma infinidade de empresas, não somente aquelas ligadas ao agro no seu sentido mais restrito, tanto que fazem parte da ABAG desde empresas do ramo de sementes até a TV Globo, ou seja, o agribusiness é algo muito mais amplo que a produção agrícola e pecuária em si.

Nessa dinâmica do agronegócio, o produtor deve ser “moderno”, ter uma visão empresarial de sua propriedade, abandonar antigas formas de produzir, aderir à racionalidade científica e à técnica, a fim de aumentar a produção e a produtividade. Mas, muitos não são considerados aptos a tal missão, pois são considerados conservadores, principalmente os pequenos produtores. Entretanto, ter uma produção altamente capitalizada, dotada de tecnologias modernas nem sempre é possível para muitos produtores. Alguns pequenos até conseguem e inserem sua produção em cadeias agroindustriais, no entanto, isso nem sempre é possível devido à falta de incentivo, à falta de uma política agrícola eficiente. Assim, essa imagem de campo que muitas vezes é divulgada sobre o município de Uberlândia parece tentar escamotear a realidade que inúmeras propriedades rurais desse município vivem, afinal, nem todas elas têm suas produções capitalizadas, equipadas com alta tecnologia. Então, isso leva ao questionamento dessa imagem distorcida que se dissemina sobre o município de Uberlândia, no qual os seus distritos são inseridos como lugares do passado, do bucolismo.

Os distritos não têm autonomia administrativa, conforme salienta Pinto (2003, p.57), ao analisar a criação do município de Córrego Fundo-MG:

o distrito é uma subdivisão do município que tem como sede a vila, que é o povoado de maior concentração populacional. Ele não tem autonomia administrativa. Funciona como um local de organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população residente em seu entorno, cujo comando fica a cargo da sede do município.

Os canais de comunicação institucional dos distritos com a administração municipal são os Conselhos Comunitários de Desenvolvimento Rural. O Conselho de Martinésia foi criado no ano de 1982, o primeiro do município. A SEMAD (Secretaria Municipal de Administração dos Distritos), criada na gestão do prefeito Zaire Rezende (1983-1989) e extinta em julho de 2003, exercia um papel importante junto à população dos distritos, uma vez que o secretário responsável por essa pasta, principalmente no início, participava freqüentemente das reuniões dos Conselhos, discutindo com os moradores suas reivindicações. Essa Secretaria foi extinta e, atualmente, existe uma Superintendência de Operações dos Distritos, ligada à Secretaria de Governo, criada pela Lei Delegada nº02 de 30/05/2005.

O distrito não está só administrativamente submetido à cidade. Os seus moradores são, muitas vezes, obrigados a recorrer a ela, não por escolha própria, mas porque não têm outra alternativa, já que a infra-estrutura do distrito não atende às necessidades básicas dos seus moradores. Daí a importância de refletir essa relação do distrito com a cidade, como ela se dá de formas diferentes, pois muitos, principalmente os mais velhos, vão à cidade só para “resolver os seus negócios”, como eles mesmos afirmam (vão à cidade para ir a médicos, contadores, comprar alguns produtos, tais como vacinas e remédios), outros têm nela o lugar da diversão, do estudo e até mesmo do trabalho.

Hábitos rurais

Todos os proprietários rurais do distrito de Martinésia têm energia elétrica em suas casas. Quando perguntei ao Seu Argentino se a chegada dela tinha melhorado a vida dele e de sua família, respondeu:

que que é isso, uai, nossa senhora, já viu, você quer ver o que que é num ter energia, deixa o dia que vocês ficar no escuro lá aí se vai falar, não gente, Deus me livre, morar na roça igual nós já morou, você tem que tomar banho no chuveiro de, daqueles de, enche uma lata de água e tem a torneira, né, ali a água morna, né, e ali você ensaboa e depois solta a água e toma o banho, agora hoje você vê, passar roupa era aqueles ferro de brasa, pelo amor de Deus,

nossa. Roça minha fia, é bão demais se tiver energia, você num tiver num vai não, Deus me livre, e o escuridão que fica, né, você às vez, aqui o dia que farta, eu tem um lampião a gás, ele até quebra um galho, ele clareia, mais se você pegar uma lamparina, nossa senhora, e a lamparina também, se você usar ela demais você chupa aquele carvão, no outro dia o nariz está tudo preto.

Seu Argentino fala de vários aspectos que foram facilitados pela chegada da energia elétrica, como o banho, o passar roupa e, principalmente, a iluminação da casa, pois ele fala como os equipamentos antes utilizados, a lamparina e o lampião, eram precários se comparados à luz elétrica. Dona Carmem evidenciou, além desses aspectos citados por Seu Argentino, a facilidade trazida pelos eletrodomésticos:

aí a gente tinha, logo a gente arranhou televisão que antes não tinha, tinha rádio, né, rádio a pilha, depois arranhou a televisão, depois os outros conforto, os eletrodoméstico que é do dever, da nossa facilidade, não eu tenho mesmo, lá na roça eu tinha todos os eletrodoméstico, era bom demais, facilidade [...]

As falas de Dona Carmem e do Seu Argentino, assim como de todos os outros proprietários entrevistados, enfatizam a melhoria em suas vidas proporcionadas pela energia elétrica, algo nem sempre fácil de se obter, como narrou Seu José Geraldo. Ele falou de sua romaria aos bancos em busca de financiamento para que ele e mais dois outros vizinhos conseguissem o dinheiro para tornar possível a chegada da energia elétrica em suas propriedades. Mas o fato é que a eletricidade transformou a vida desses proprietários tanto no que diz respeito à produção, pois foi possível ter acesso a alguns maquinários que dependiam dessa energia para funcionar, quanto na vida dentro de casa, com a chegada de eletrodomésticos e eletroeletrônicos. Um exemplo é a televisão, um objeto que passou a reunir em torno de si as famílias da zona rural.

Assim, no que diz respeito ao acesso às tecnologias, os proprietários rurais do distrito de Martinésia não vivem uma vida muito diferente das pessoas que moram nas cidades, pois muitas delas têm acesso à internet e, quando não têm telefone fixo contam com os aparelhos celulares, proporcionando, assim, um contato muito intenso com a cidade, seus valores, hábitos e costumes.

Um outro aspecto que evidencia essa interação entre os modos de viver urbanos e rurais é a alimentação. Seu João mantém uma certa restrição a determinados alimentos que as pessoas da cidade comem sem problemas:

[...] se eu chegar numa casa de amigo eu pego às vezes esses frango que faz forçado a natureza, eu ponho um pedacinho no prato pra não desagradar, mas eu não como, na minha casa eu não como essas coisa de jeito nenhum. Gosto demais de carne, às vezes os menino chega, vem meus parentes, família mora

tudo pra cidade [...] eles traz, traz aquelas carne, vai passar um bife do boi que foi engordado no cocho, confinado, pensa que eu não conheço a carne, eu não como aquilo.

Para as pessoas da cidade é comum ir ao supermercado e comprar carnes congeladas, mas Seu João faz questão de que as carnes consumidas por ele e sua família sejam **caipiras**, ou seja, os animais devem ser criados na propriedade de uma forma mais tradicional. Já Seu José Geraldo, apesar de na sua casa cozinhar na banha e comer a carne do porco que eles cuidam, diz que, por diversas vezes, é necessário passar no açougue para comprar a carne porque as que eles têm em casa estão congeladas e isso para ele é algo natural, além disso, ele diz não gostar muito de frango caipira, prefere o de granja.

Assim, como as pessoas vão à cidade com mais frequência e não se produz mais na propriedade tudo o que é necessário para o consumo familiar, as pessoas do campo acabam incorporando hábitos alimentares antes típicos das cidades, tornando-se normal, por exemplo, o consumo de carnes oriundas de animais criados em granjas e a substituição da banha de porco pelo óleo de soja. Da mesma forma, muitos moradores da cidade, especialmente aqueles que viveram parte de suas vidas no campo, conservam o hábito de comer na banha de porco, comer preferencialmente carnes de animais caipiras e ainda hábitos como dormir e acordar muito cedo, por exemplo.

O hábito de cozinhar no fogão à lenha ainda é mantido por vários proprietários rurais de Martinésia, como na casa do Seu Francisco e da Dona Regina:

Seu Francisco: Fogão de lenha nosso é sagrado.

Vocês fazem comida todos os dias no fogão à lenha?

Dona Regina: Todos os dias [...]

Seu Francisco: Eu por exemplo não sei fazer comida no fogão a gás.

Dona Regina: E nem eu.

Seu Francisco: A comida esfria rápido, você tem que fazer e comer rápido, é complicado.

Dona Regina: O dia que sobra pra mim fazer no fogão a gás eu não dou conta.

Seu Francisco: Agora fogão a lenha não, você faz, deixa em cima da chapa, aquilo ali conserva, põe um fogueiro ali, a comida cozinha mais devagar.

O fogão a gás na casa do Seu Francisco e da Dona Regina serve apenas para fazer coisas rápidas, como café e ferver leite, uma vez que toda a comida da casa é feita no fogão à lenha. Entretanto, Seu José Geraldo enfatiza que o fogão à lenha de sua casa é pouco utilizado, devido à praticidade do fogão a gás. Em muitas casas na cidade existem fogões à lenha, muitas vezes nas casas de pessoas da classe média, mas nesses casos

eles têm, na grande maioria das vezes, um caráter exótico, ou seja, eles não fazem parte dos referenciais de vida dessas pessoas, apesar delas os utilizarem principalmente nos finais de semana. Isso evidencia cada vez mais essa interação que venho procurando tratar, a qual se dá de diferentes maneiras, na sociedade atual.

Muitas vezes a manutenção de hábitos rurais na cidade se deve a uma questão prática, ou seja, à economia de dinheiro. Batista (2003, p.90) faz uma análise do viver dos moradores do bairro Vila Marielza e como esses se utilizam de fogões à lenha, a fim de economizarem no orçamento doméstico: “No caso do gás de cozinha, não é só comprar onde está mais barato (bairros vizinhos), é usar o fogão à lenha para poupar e não ter mais um gasto a sobrecarregar as despesas essenciais”[...]. As plantações de legumes e verduras e também de ervas medicinais, assim como a criação de animais, são outras estratégias encontradas pela autora que evidenciam como hábitos rurais são mantidos em vidas urbanas, mas com esse aspecto que deixa claro a precariedade do viver na cidade para muitos moradores que, desprovidos das condições básicas de sobrevivência, encontram formas alternativas de driblar essa situação.

Uma reportagem do **Jornal Correio** é bastante pertinente para essa discussão que vem sendo travada, na medida em que tem como tema a existência de **bolsões rurais** na cidade de Uberlândia:

Uberlândia está entre as maiores cidades do interior. Tornou-se um centro de referência em saúde, em agronegócios, em turismo de negócios e tem quase todos os confortos e facilidades das grandes metrópoles. Mas guarda um contraste que passa a ser um atrativo para aqueles que de alguma forma estão ligados às suas raízes: tem bolsões rurais em diversos bairros, alguns bem próximo ao Centro, onde as famílias vivem uma espécie de fuso horário diferente do ritmo de vida do uberlandense comum, já “contaminado” com o mal das cidades grandes: o estresse provocado pela correria do dia-a-dia.²¹

Na reportagem, a forma como as pessoas que vivem nesses “**bolsões rurais**” são colocadas parece que elas estão fora da realidade da cidade, que seria a correria da vida moderna, ou seja, dá a idéia de que elas não estão no mesmo tempo que o restante da cidade. Entretanto, essas pessoas não estão fora da realidade, uma vez que elas fazem parte de uma cidade, de uma sociedade complexa, marcada pelas contradições, pelos conflitos, pelas interações, isto é, essas pessoas encontram nesse modo de viver na cidade uma identificação com uma vida que foi vivida no campo, como é elucidado pelo conteúdo da reportagem, e que tem, portanto, significado para elas e, além do mais, são

alternativas de renda, pois a criação de animais e as plantações possibilitam a comercialização de alguns produtos, além de prover alimentos necessários à família.

Em suma, modos de vida urbanos e rurais coexistem no viver dos moradores tanto da cidade quanto do campo e, no caso do distrito de Martinésia, a proximidade com a cidade de Uberlândia – 32 Km de distância do distrito sede – e a relação cada vez mais intensa com ela, devido ao acesso facilitado e também à transformação na vida dos proprietários rurais, não implicam o abandono de hábitos, costumes e valores rurais, ou seja, não significam a predominância absoluta do urbano sobre o rural, pois a relação é bem mais complexa, visto que dela fazem parte as incorporações, bem como as manutenções de viveres. Assim, não se pode tratar essa questão a partir de uma dicotomia campo/cidade, rural/urbano, atrasado/moderno, pois o que se faz necessário é colocar em discussão o viver das pessoas, o modo como elas experimentam as relações que estabelecem, seja com a cidade ou com o campo. Nesse sentido, Carneiro (1997, p.4) é uma referência que, ao falar das transformações no rural, atualmente, instiga a refletir justamente sobre a forma como as pessoas vivem:

[...] importa, mais do que tentarmos redefinir as fronteiras entre o “rural” e o “urbano”, ou simplesmente ignorar as diferenças culturais contidas nessas representações sociais a partir da expansão da sociedade urbano-industrial, buscar os significados, do ponto de vista dos agentes, das práticas sociais que operacionalizam essa interação e que proliferam tanto no campo como nos grandes centros [...]

Assim, analisar a relação campo e cidade significa lidar com algo que tem se tornado cada vez mais complexo, devido às transformações vivenciadas pelo homem do campo e que, sem dúvida alguma, modificam sua forma de se relacionar e de compreender a cidade. E essa é uma relação que está em constante mudança, como salienta Williams (1989, p.19): “A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.” Desse modo, cabe ao pesquisador investigar como, ao longo da história, os homens vivenciam essa relação de formas diferenciadas.

Considerações Finais

Desse modo, refletir sobre a relação campo/cidade significa pensar sempre na interação, visto que não se pode dizer simplesmente que os valores da cidade invadiram o campo, é preciso ir além e perceber como esses valores estão, na verdade, interagindo o tempo todo no viver das pessoas, ou seja, valores urbanos passam a fazer parte da realidade do homem do campo, assim como valores rurais fazem parte da vida de moradores das cidades. Assim, esse campo “urbanizado”, equipado com televisores, antenas parabólicas e todo tipo de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, telefone e acesso à internet não apaga alguns hábitos e valores do homem do campo.

Notas

¹ Este trabalho faz parte da Dissertação de Mestrado intitulada “Proprietários rurais do distrito de Martinésia (Uberlândia-MG): viver e permanecer no campo – 1964-2005”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Professora Dilma Andrade Paula.

² Para uma reflexão acerca da relação campo e cidade na história latino-americana, cf. (SINGER, 1980).

³ Essa saída do homem do campo é analisada como muita propriedade por Batista (2003) que problematiza as razões que levaram muitos a saírem do campo em busca de oportunidades na cidade de Uberlândia, nas décadas de 1970 e 1980. Ela analisa ainda a expectativa pela melhoria de vida na cidade de Uberlândia que muitas vezes não se concretiza, pois essas pessoas continuam vivendo, na cidade, uma situação de miséria e exclusão. Nesse sentido, ela analisa as vivências, as lutas, as reelaborações nos modos de viver desses migrantes rurais.

⁴ Geração de empregos no campo. **Jornal Correio**, 29/05/1996, p.06.

⁵ Foram pesquisados no **Jornal Correio** os anos de 1964 a 2005.

⁶ Sociedade de serviços. **Jornal Correio de Uberlândia**, 16/05/1973, p.02.

⁷ Fim da miséria no país teria custo de US\$28 mil. **Jornal Correio de Uberlândia**, 05/08/1990, p.A-3.

⁸ O negrito será utilizado nas citações de falas dos entrevistados para sinalizar a intervenção da entrevistadora, tendo em vista que a entrevista é um diálogo entre ambos.

⁹ Cruzeiro dos Peixotos e do sossego, **Jornal Correio**, 23/01/2005, p.B-1.

¹⁰ Ônibus faz diariamente uma viagem no tempo, **Jornal Correio do Triângulo**, 06/11/1994, p.7.

¹¹ Cruzeiro marca o tempo do silêncio em Martinésia. **Jornal Correio do Triângulo**, 20/06/1993, p.10.

¹² Falta de infra-estrutura tira o sossego de Martinésia. **Jornal Correio do Triângulo**, 19/04/1994, p.10.

¹³ Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia. **Livro de atas nº01**, 15/10/1986, p.21.

¹⁴ Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia, **Livro de atas nº01**, 09/06/1989, p.37.

¹⁵ Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia, **Livro de atas nº01**, 09/06/1989, p.49.

¹⁶ Insegurança no campo. **Jornal Correio**, 28/09/2000, p.A-6.

¹⁷ Conselho Comunitário de Desenvolvimento Rural de Martinésia, **Livro de atas nº01**, 27/03/1985, p.14.

¹⁸ Orgulho do ruralismo. **Jornal Correio**, 26/05/2000, p.A-6.

¹⁹ Cidade quer se tornar grande centro do agribusiness. **Jornal Correio**, 18/05/1997, p.08.

²⁰ Agribusiness pode alavancar desenvolvimento. **Jornal Correio**, 25/03/1994, p.07.

²¹ “Roças urbanas” resistem ao progresso. **Jornal Correio**, 31/08/2002, p.B-6.

Referências

BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres: relações entre campo e cidade.** 2003. 138f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, UFU/Uberlândia, 2003.

BESSA, Kelly Cristine F. O. Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o local na era das redes. In: SANTOS, R. J.; RAMIRES, J. C. L. (Org.). **Cidade e campo no Triângulo Mineiro.** Uberlândia: EDUFU, 2004, p.59-91.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Rio e Janeiro: IPEA, 1999, 23p.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: REUNIÃO ANUAL DA SOBER, XXXV., 1997, Natal. **Anais...** Natal:SOBER, 1997, p.1-12.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e hegemonia do agronegócio no Brasil. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n.32/33, p.93-134, 2005.

PINTO, George José. **Do sonho à realidade: Córrego Fundo-MG – Fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte.** 2003. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, UFU/Uberlândia, 2003.

SINGER, Paul. Campo e cidade no contexto histórico latino-americano. In: _____, **Economia política da urbanização.** 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.91-113.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da Boca do Sertão à Cidade Jardim. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, n.18, p.95-124, jul/dez1997.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade - na história e na literatura.** Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989, 440p.

Entrevistas

Argentino Gomes de Melo, 72 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevista realizada no dia 28/10/2005.

Zildo Dias da Silva, 83 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevista realizada no dia 30/07/2005.

Carmem Martins da Silva, 67 anos, é esposa do Senhor Zildo Dias da Silva. Entrevista realizada no dia 30/07/2005.

Hélio Pereira Lima, 56 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevista realizada no dia 30/07/2005.

João Dias Neto, 77 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevistas realizadas no dia 31/07/2005 e 28/10/2005.

José Geraldo Pacheco, 50 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevista realizada no dia 19/06/2005.

Maria Esmeraldina de Almeida, 55 anos. Nasceu numa propriedade rural em Martinésia e depois de se casar veio para Uberlândia, há 33 anos. Entrevista realizada no dia 25/07/2005.

Maria Juliana de Oliveira Pimentel, 19 anos. É filha de Seu Francisco e Dona Regina. Entrevista realizada no dia 01/10/2006.

Neila Fernandes Justino, 24 anos. O pai é produtor rural em Martinésia e ela reside na cidade de Uberlândia. Entrevista realizada no dia 16/08/2006.

Regina Helena de Oliveira Pimentel, 45 anos. Ela nasceu em Uberlândia e com 1 ano de idade foi morar na vila de Martinésia. Entrevista realizada no dia 26/07/2005.

Francisco Fernandes Pimentel, 59 anos. É esposo de Dona Regina. Entrevista realizada no dia 26/07/2005.

Rubens Vieira, 59 anos, proprietário rural no distrito de Martinésia. Entrevista realizada no dia 28/10/2005.